

O fracasso dos assentamentos

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Todos aqueles que estudam a história humana conhecem perfeitamente os problemas agrários que todos os governos, nestes últimos milênios (as fundações da cidade de Jericó datam de 9000 anos atrás), enfrentaram, com muito mais fracassos que sucessos, nas reformas pretendidas.

A teoria fisiocrática, que levou a França a perder a batalha da industrialização para a Inglaterra, é correta no sentido de que toda a riqueza vem da terra, mas é incorreta no sentido de que a riqueza se faz com sua produção primária. Ludwig Erhard, o recuperador da economia alemã, dizia que nenhum país fez sua riqueza na agricultura, hoje responsável, segundo dados que me foram fornecidos por Olavo Setúbal, por apenas 9% a 10% do PIB mundial.

É por esta razão que vejo sempre com preocupação movimentos políticos, travestidos de sociais, pretendendo solucionar o problema dos latifúndios improdutivos pela invasão dos produtivos, sob a alegação de que o problema agrário no País será solucionado com o assentamento de famílias nestas terras.

O problema agrário é de tal complexidade, que esta formu-

lação simplista, sobre não merecer sequer tratamento acadêmico nas universidades por falta de racionalidade, apenas faculta o crescimento das tensões sem soluções e o enfraquecimento das instituições do País, o que poderá dificultar seu próprio desenvolvimento, à falta do que Ronald Coase, Prêmio Nobel de Economia, afirmava como essencial, ou seja: a economia de mercado só sobrevive com a segurança das instituições jurídicas.

DE TODOS OS ASSENTAMENTOS FEITOS,
"NENHUM DELES" SOBREVIVEU OU SOBREVIVE
SEM APOIO DO INCRA, OU SEJA,
NENHUM DELES É AUTO-SUSTENTÁVEL

Veja-se, por exemplo, recente levantamento da Confederação Nacional da Agricultura sobre todos os assentamentos feitos no País, desde o início da reforma agrária, nos idos do governo Castelo Branco. Os primeiros dados são aterradores. De todos os assentamentos feitos, *nenhum deles* sobreviveu ou sobrevive sem apoio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá), ou seja, nenhum deles é auto-sustentável. O fracasso não é ape-

nas grande, é absoluto.

Quando o presidente Fernando Henrique manifestou, para um periódico de São Paulo, sua preocupação pelo sucesso de apenas 10% dos assentamentos, foi ele fantásticamente otimista, pois auto-sustentável não é assentamento nenhum.

Ora, no momento em que a agricultura está em crise, com redução da área plantada para 1996, em face de uma política suicida de preços agrícolas de-

primidos e juros bancários estratosféricos, frustradas todas as tentativas de solucionar, seja nas discussões judiciais, seja nas medidas governamentais, é desatino inacreditável desestimular ainda mais o setor agropecuário, pelo apoio oficial a movimento político que não respeita as leis e as decisões judiciais, sobre gerar tensões e gastos públicos irrecuperáveis, como demonstra o fracasso total dos assentamentos não auto-sustentáveis.

À evidência, ao atacar o conflito dirigido, de conotação política, como instrumento de desestabilização institucional, não quero posicionar-me contrariamente à reforma agrária, que deveria começar com a utilização do Imposto Territorial Rural (ITR) progressivo, tanto maior quanto mais improdutivas fossem as terras.

O fracasso absoluto dos assentamentos e o perigo dos conflitos agrários estão a demonstrar que o caminho para uma reforma agrária autêntica terá de ser não conflituoso, passando por adoção do tributo progressivo, como o grande instrumento de aproveitamento racional da terra, até porque, nesta matéria, a mecanização e a tecnologia aplicáveis à agropecuária exigem, cada vez mais, a formação de grandes estruturas para se ter competitividade internacional, não mais compatível com a produção agrária própria da Idade Média, que os assentamentos terminam por gerar.

O AUTOR

Ives Gandra da Silva Martins é professor emérito da Universidade Mackenzie

